

Em debate, a produção literária em Campinas

Para comemorar a data dedicada ao escritor, o Jornal de Domingo preparou uma pauta especial, convidando cinco dos mais expressivos escritores de Campinas para um debate sobre a literatura e a cultura campineiras.



Carlos Vogt: "A oposição entre o popular e o intelectual é falsa e maniqueísta. Certamente tudo é cultura e um cantor de guarânias também faz parte do processo cultural."



Otaviano Pereira: "Um leitor médio europeu fica perto da lareira, pelo menos três meses do ano, lendo vorazmente. Aqui no Brasil a realidade é outra e é preciso um empurrão".



Régis de Moraes: "Antes de produção campineira, devemos falar de uma produção literária que acontece em Campinas. Existem muitos autores novos que precisamos conhecer e avaliar."



Eustáquio Gomes: "Sinto arrepios quando ouço falar em projetos culturais. Acho a criação solitária o elemento fertilizador para a produção literária. Projetos são mera burocracia."



Luís Carlos Borges: "É difícil enumerar as causas que levam ao aumento da produção cultural, mas com um espaço para se publicar, o estímulo à literatura é bem mais eficiente".

FESTIVAL DE OFERTAS

dálías Azaléia - Vários modelos

39..... 1.990,

Orion, Game,

900,

Como amanhã se comemora o Dia do Escritor, pautamos para essa edição do **Jornal de Domingo** um encontro com cinco escritores, onde eles fizeram uma avaliação do mercado do livro em Campinas.

O debate girou em torno da produção literária/cultural em Campinas e das possibilidades de a cidade vir a exportar trabalhos e ser caracterizada a partir de uma nova identidade cultural. A história da produção literária foi discutida e o curso das idéias e informações tomou caminhos diversos e interessantes.

Eustáquio Gomes — Num levantamento a grosso modo, de apenas um ano para cá, podemos notar que existe uma produção cultural/literária em Campinas. Não sei se estou mistificando, mas há algumas décadas não tínhamos tantos escritores editando aqui, e mesmo os que editavam eram com produções artesanais, e hoje vemos muitos autores lançando a nível nacional, através dos mecanismos das grandes editoras. Abrindo o debate pergunto ao Carlos se isso não lhe parece também que existe uma produção local em Campinas.

Carlos Vogt — Acho circunstancial o fato de que, a partir de um determinado momento, você tenha condições de tornar público o trabalho de vários autores que estão ligados à vida da cidade. Isso é uma circunstância histórica da cidade pelo fato de que ela se modificou muito. Na verdade, eu não nasci em Campinas e nem estudei aqui. Passei a morar aqui em 1971 e, vindo de São Paulo, foi um susto. Na época não havia os teatros de hoje e todas as manifestações artísticas se faziam nos ginásios esportivos: algumas apresentações de música popular e outras de peças

teatrais. Atribuo um papel muito importante à Unicamp, trazendo uma feição universitária à cidade e a própria Pucc se modificou depois da criação da Unicamp. Ainda não é possível determinar com segurança os momentos culturais distintos, mas é muito significativo, nos últimos tempos, o aparecimento do suplemento cultural do **Correio Popular**, que você editou, onde se publicou muitos trabalhos de autores da cidade, alguns de ótima qualidade. Além do suplemento (que considero um primeiro sintoma) temos agora a Editora Papyrus, que iniciou a coleção "Krisis" e isso é o bastante para me fazer crer que existe uma produção intelectual interessante em Campinas. Talvez seja ainda prematuro considerá-la uma produção intelectual campineira.

Texto final: Zico Pacheco

Régis de Moraes — Acho que essa questão se parece muito com aquela pergunta que questiona o meu campo de trabalho: "Podemos falar de filosofia no Brasil ou podemos falar de filosofia brasileira?" Talvez deveríamos falar de uma produção que acontece em Campinas porque ainda estamos tomando

conhecimento da existência de autores novos. Sigo o Vogt, citando o trabalho realizado pelo suplemento **Cultura**, que publicou muitos trabalhos inéditos (gostei muito do conto da Anita Moraes) e que considero um veículo responsável pelo estímulo à produção local.

Eustáquio Gomes — A meu ver, a questão primeira não é com relação à quantidade, mas quanto à qualidade. Não desprezo o número de autores que veio e, assimilado pela cidade, começa a produzir aqui. Houve no começo do século uma época em que a cidade estava dentro de um contexto contemporâneo. Época do Culto à Ciência, em que se teve um Coelho Neto, um Júlio Ribeiro, que morou por aqui uns tempos e, com eles, outros. Depois disso a cidade saiu do contexto contemporâneo. Agora acho que ela voltou à corrente contemporânea. Será que estou mistificando de novo?

Luís Carlos Borges — Eu também gostaria de destacar a importância do suplemento literário do Correio Popular que teve uma função aglutinadora entre os escritores de Campinas e acima de tudo pôde instigar a criação literária. Eu me lembro que realizamos uma mesa-redonda como essa, assim que o suplemento começou, e questionávamos a mesma coisa: será que existe uma produção cultural radicada em Campinas?

Eustáquio — Eu acho que o suplemento foi muito mais consequência do que causa do aumento de produção cultural...

Borges — Eu acredito também que não tenha sido a causa, mas não há como negar sua importância como um fator aglutinador e à instigação da criação. Tendo um espaço onde publicar, qualquer um que gosta, vai-se sentir muito mais estimulado a escrever.

Um hiato na produção

Régis — O Eustáquio dizia que no começo do século a cidade produzia contemporaneamente mas que depois houve um hiato e a cidade desconheceu o Movimento de 22. Atribuo o fato de estar havendo um sentimento de perda com relação ao desaparecimento do suplemento exatamente porque Campinas deixava de viver à sombra de Carlos Gomes e Guilherme de Almeida. Agora que a cultura estava vivendo um Egas Francisco, um Heládio Brito, um Benito Juarez. A frustração é grande quando se perde um veículo que fazia com que essa manifestação acreditasse em si...

Eustáquio — É. Vamos colocar nos eixos. Quando você folheia os jornais locais dos anos 30 e 40, observa-se que eles eram quase que literários e não eram contemporâneos. Essas páginas eram verdadeiras m... e não era por falta de espaço para a literatura. Faltava com a contemporaneidade.

Otaviano Pereira (retardatário) — Eu acrescentaria mais o seguin-

te: paralelamente a essa questão, houve de fato um abrir de gavetas em prol da produção ensaística e literária (mais a primeira que esta segunda) em Campinas, mas até há bem pouco tempo a cidade permanecia assistindo ao que a chamada ala intelectual produzia ou se esforçava em aglutinar e trazer para a mesa. Acredito eu que nem na época de Santos Dumont a literatura e a produção intelectual foram discutidas como nesses dois últimos anos, apesar da população não ter saído da inércia e continuar assistindo. O mérito para essa sacudidela no pessoal que produz vai para o suplemento que o Eustáquio editou que, aliás, também levou a Prefeitura a propor uma ação cultural a nível de escolas. De tal forma foi importante o suplemento, que de repente o poder estabelecido na cidade, por vias de um departamento de cultura, que antes não articulava essa atividade, acordou e procurou levar alguma coisa para a periferia e para o estudantado...

Eustáquio — Apenas acrescentando, há uma mostra de autores locais na Prefeitura. É a primeira vez que isso acontece...

Otaviano — De fato, há um sangue novo e isso porque há um grupo trabalhando de 80 para cá que fez com que o poder, a cultura oficial, acordasse.

Régis — E com um aspecto que acho fundamental. Tendências e modos de trabalho os mais diferentes, propostas as mais diferentes, convivendo bem e se interfecundando, inclusive até pela própria polêmica.

Eustáquio — Encerrando esse panegírico, eu vejo a coisa um pouco diferente: o importante desse período foi a produção. Foi importante o fato de ter aparecido alguns livros, como o "Cantografia", do Carlos Vogt, "Diário de Campo", do Brandão, "Cemitério dos Vivos", de Otaviano e, também sintomático, o aparecimento dessa coleção da Papyrus, "Krisis", que tem à direção o Régis e o Brandão.

Régis — A gente fez até aqui um panegírico do suplemento, como disse o Eustáquio, mas me parece que a emergência da Papyrus, no momento, pode não ter a mesma proporção ou porte de importância que o suplemento, mas tem quase o mesmo.

Eustáquio — São coisas diferentes, não é mesmo, Régis?

Régis — Sim, diferentes. Mas você pode avaliar coisas diferentes em função dos resultados. Eu estou percebendo que ensaístas locais estão comparecendo com "croquis" de trabalhos, os mais variados: suicídio, interpretação psicológica do suicídio, e muitas coisas. Isso porque uma editora de Campinas está fazendo um trabalho sério, no sentido de apresentação do livro, divulga muito bem o livro e respeita o autor.

A veiculação da cultura

Eustáquio — Eu vejo que temos aqui a possibilidade de um depoi-

mento interessante. O Borges viveu aqui uma época intelectual interessante, na década de 60, e chegou a fundar um movimento de poesias.

Borges — Chamamos **STRIP** — Sindicato dos Trabalhadores na Indústria Poética — a um movimento bem calcado no Tropicalismo e houve dois manifestos. Na época, muitos poetas produziram em Campinas e do grupo acho que mais nenhum se encontra na cidade.

Régis — E publicaram?

Borges — Eu publiquei. Muitos publicaram, mas os livros eram mimeografados porque na época não havia editoras para registrar o momento. Publicava-se muita coisa nos jornais ou em formas bem artesanais.

Eustáquio — Embora o homem seja mais importante que a instituição, ou seja, eu acho que a Academia se salva pelo fato de ter o Régis, o Rubem Alves, o Cerqueira Leite, o Amaral Lapa, essa instituição é um remanescente do período pré-22. E além dessa temos por aí um Clube de Poesia e outros saraus liteo-musicais que provavelmente estão em 1911. Quer dizer, o que predomina na cidade de Campinas ainda é essa cultura?

Vogt — Eu acho que pessoas como o Régis e o Lapa, de brilho intelectual incontestável, aceitam participar de instituições como essas por razões antes afetivas do que de ordem intelectual. Eu como não tenho essas razões de ordem afetiva, predominando as de ordem prática, e não tendo nenhuma razão para aceitar (se me fosse proposto), negaria um convite para ingressar na entidade. Mas não duvido que essas pessoas contemporâneas que ingressam nas Academias possam modificá-las e fazer com que elas atuem com eficiência. Da maneira em que estão sedimentadas pouco interferem na vida cultural de uma cidade. E esse fenômeno não é local, é em termos de Brasil. Depois do salto qualitativo de 1922, essas instituições, mesmo sem razão prática, continuaram a existir de uma forma, diria, francesa. Vejo porém necessária uma pesquisa de natureza sociológica para detectar a reação provocada por alguma manifestação contemporânea — volto a citar o suplemento do Correio Popular — nesse pessoal mais modificado pela institucionalidade do grupo. Você percebeu isso? (dirigindo-se ao Eustáquio)

Eustáquio — Falou-se numa pressão junto à direção do Correio quando da publicação de um editorial no suplemento, o que não acredito em hipótese alguma. Mas ressalto um fato: o Sampaio, que fundou a Academia, é um velhinho muito doce e sei que muita gente entrou lá por causa dele.

Régis — É meu específico caso.

Eustáquio — É uma pessoa inotável, do ponto de vista humano. Então quando se atinge a Academia, atinge-se ao Sampaio e ele é uma pessoa incapaz de se indispor contra a pessoa; continua sendo amigo do mesmo jeito.

Otaviano — Aliás, o professor Sampaio foi uma figura importante

também na tomada do Sindicato dos Professores pela oposição há dois anos.

Régis — Quer dizer, o estilo literário do professor Sampaio não existe mais, do ponto de vista sociológico, mas a personalidade é própria de um contemporâneo.

A socialização da cultura

Eustáquio — O que me preocupa, na verdade, é a veiculação da cultura em Campinas. Enquanto os veículos do Rio e São Paulo publicam os trabalhos de nível A, Campinas continua publicando um material defasado...

Régis — Eu acho que falamos tanto do suplemento **Domingo Cultura** porque ele foi uma materialização da veiculação do que de melhor se produz no momento. Mas também era contestado, inclusive por pessoas da empresa, julgando-o elitista. Eu venho me questionando sobre o verdadeiro sentido da cultura, tomada junto à realidade brasileira, sobre sua aceitação e sua veiculação. Eu já disse e volto a elogiar o projeto realizado pela Secretaria de Cultura da Prefeitura de Campinas contra a elitização da cultura. Mesmo com a beleza do projeto, ele não se concretizou. A todos que pergunto ficam sem saber o que fazer para viabilizar o projeto, já que ele é caro e de difícil execução, quando feito com categoria. Houve uma época em que se divinizou o intelectual, que é uma maneira míope de ver as coisas, e hoje se diviniza o popular. Eu venho perguntando como é que vão se embricar essas coisas...

Otaviano — A minha expectativa quanto à cultura é esperar a ação da Prefeitura porque o intelectual orgânico ainda não existe

em Campinas. Apesar de termos produzido, acho que não fomos vistos como poderíamos ter sido aqui na cidade. A solução para esse impasse só mesmo com esse projeto a nível de poder municipal.

Eustáquio — Eu sinto alguns arrepios quando ouço falar nesses projetos culturais, pelo seguinte: eu não acredito num recesso da cultura por desaparecimento de nada. Eu acho que o que vai contar é a produção individual de cada um de nós, os projetos são mera burocracia.

Otaviano — Você não viu sentido no que você fez? Indo às escolas para divulgar seus trabalhos e discutir seus textos? Porque os alunos de primeiro grau e todos aqueles das periferias não estão sabendo destas articulações todas. Ele não lê e não tem incentivos para a literatura. Por isso acho o projeto viável e necessário e podemos ser acusados, no futuro, de exercer uma atividade igual àquela dos poetas do século XVIII.

Eustáquio — Acho válido ir às escolas, mas continuo vendo o ato da criação solitária o elemento fertilizador, o resto é uma sociabilidade que pode dar alguns frutos...

Otaviano — Acho sua visão um pouco européia. Lá um leitor médio fica perto da lareira pelo menos três meses do ano e consome vorazmente tudo que se escreve. O sistema brasileiro precisa de alguns empurrões.

Vogt — Quando a gente fala de cultura, está propenso a misturar a cultura como um padrão de comportamento e um padrão intelectual. Certamente tudo é cultura e um cantor de guarânias também faz parte do processo cultural. Eu acho que a oposição entre o intelectual e o popular é muito falsa, maniqueísta. Há sempre um tercei-

ro elemento que interfere na divisão entre o popular e o intelectual, que é a inspiração que o processo cultural de mídia impõe. Isso complica e torna difícil a aceitação de qualquer manifestação popular, devido à pregação da comunicação de massa as manifestações mais "depuradas". Por tudo isso, não se pode fazer uma avaliação do intelectual e das manifestações espontâneas populares, sem considerar a mídia. Agora a impressão que tenho é que sempre que se fala em preservação da cultura popular aparece a figura do Estado. Os projetos sempre têm a tutela do poder, em qualquer que seja a política adotada ou em qualquer momento histórico. Desde o getulismo, ao janguismo e aos governos revolucionários dos últimos tempos, a instituição financiadora dos projetos era parte dos governos.

Régis — Podemos passar superficialmente sobre as definições de intelectual e popular porque podemos encontrar elite em ambas as manifestações. Pode-se dizer que as massas podem ser "quase" privilegiadas quando se toma o caráter humano ou sentimental. Não existe densidade intelectual, mas existe uma densidade muito grande de sentimento de vida e, nesse aspecto elas são a elite. Agora a natureza da densidade humana apresentada na elite intelectual — antes chamada simplesmente elite — é diferente. Em resumo, há um aspecto em que a elite é intelectual e racional e outro aspecto onde a elite é a massa, com experiências vividas. Por isso concluo que um projeto de socialização da cultura deve levar em conta os apelos da arte e devem ser dirigidos, embora de forma intelectual, a uma população mais vasta, à elite de maior densidade humana que é a massa.

